

RUBEM BRAGA

MÁRIO

AINDA há de aparecer um editor com peito para lançar uma das mais volumosas e interessantes obras da literatura brasileira, as cartas de Mário de Andrade. São muitos milhares. É incrível o número de pessoas com que Mário se correspondia, e a frequência com que o fazia.

Agora mesmo Carlos Drummond de Andrade divulgou uma carta curiosíssima em que Mário de Andrade conta a história de seus sentimentos e ações durante a Revolução de 32. Há ali, como em muitas outras passagens de Mário, um certo masoquismo; é um documento melancólico, penoso, em que ele se retrata com fidelidade.

Quando forem publicadas as cartas de Mário estou certo de que em algumas delas, entre 35 e 45, aparecerei muito mal. Mário me detestava. «Aza negra de minha vida» — me chamava êle, com evidente exagero, em carta a um amigo íntimo. Na verdade nunca lhe fiz nenhum mal de propósito; quando me chamou de «aza negra» êle estava sob a dolorosa impressão de um incidente de que êle mesmo foi o exclusivo culpado.

Sempre admirei o grande escritor, mas logo aos nossos primeiros contactos senti uma certa hostilidade ou desprezo de sua parte. Só muito mais tarde tive a explicação disso; conheci Mário em 1933, quando êle ainda estava com um ressentimento muito vivo pela derrota da revolução paulista. Eu chegara a São Paulo, onde não conhecia ninguém, e quis o acaso que ocupasse, numa redação, a mesa ao lado daquela em que Mário vinha à noite escrever sua crítica de música. Admirando-o muito, é natural que buscasse me aproximar d'êle; minhas discretas tentativas nesse sentido foram inúteis, pois êle se esquivava — êle, Mário, que antes e depois dessa fase cultivava com um fervor até exagerado o convívio dos moços, e não raro dava uma excessiva importância ao que os novos faziam ou escreviam.

Completamente diferente de Mário em assuntos de amizade (tenho horror dessa história de «trocar de bem» e «trocar de mal», que êle adorava, e o maior tédio a confissões, acertos de contas, explicações sentimentais com homens, etc.) nada fiz para desmanchar a má impressão que senti que lhe produzira, e sinceramente, não lhe quis mal por isso. Não sou nenhum prêmio Nobel de simpatia e estou mais do que acostumado a sentir que uma pessoa qualquer não vai com a minha cara. Com dezenas de amigos comuns, e a mesma roda de bar, sempre mantive com Mário relações superficiais de cortesia; era tão grande a diferença entre a sua enorme e merecida importância e a minha modesta figura que eu nem sequer imaginava que êle tivesse realmente alguma aversão por mim; achava que simplesmente não simpatizava muito, não me dava bola. Foi com surpresa que mais tarde soube, por exemplo, de sua indignação por eu ter ido uma vez à sua casa; eu fizera isso com a maior naturalidade, pois estava em uma festa e Mário convidara todos que estavam ali a passar pela rua Lopes Chaves; fui pela companhia, e não por êle.

Enfim — quando aparecerem as cartas de Mário eu ficarei bastante «sujo» com a posteridade... Mas isso será um detalhe mínimo sem qualquer importância na prodigiosa riqueza desses testemunhos de um dos espíritos mais poderosos e estranhos que já viveram no Brasil.

— 0 —

BARRIGA — O «Diário da Noite» publicou em primeira página uma notícia sensacional: «Desvendado o segredo do telegrama 295 — Jacinto de Thormes informa: Este homem deu a cópia a Lacerda — Dantinhas, o sobrevivente do «Vogue».

O texto é menos afirmativo que o título. Diz apenas: «presume-se... que o telegrama tenha sido levado... pelo sr. João Ribeiro Dantas».

Posso informar ao meu amigo Jacinto de Thormes que o sr. João Ribeiro Dantas, que é primo do diretor do «Diário de Notícias», NÃO levou telegrama nenhum a ninguém. É verdade que foi interrogado no inquérito, mas nada se apurou nem se poderia apurar contra êle. Parece que o Itamarati está querendo a todo custo jogar a culpa em qualquer pessoa que não seja da Casa...

358